

CRAIG L. BLOMBERG

# Nem pobreza, Nem riqueza

AS POSSES SEGUNDO  
A TEOLOGIA BÍBLICA



# Sumário

<i>Prefácio à nova edição brasileira</i> .....	9
<i>Apresentação</i> .....	15
<i>Prefácio do autor</i> .....	17
<i>Reduções gráficas</i> .....	21
<b>Considerações iniciais</b> .....	25
Uma amostra das estatísticas .....	25
Resposta cristã.....	29
<b>1. O Antigo Testamento e os bens materiais: os livros históricos</b> .....	45
Do Éden ao Sinai .....	45
Do Sinai a Canaã: a Lei de Moisés .....	52
A Terra Prometida: ciclos de obediência e desobediência.....	65
Resumo e conclusões .....	71
<b>2. A sabedoria e a literatura profética do Antigo Testamento</b> .....	73
Literatura poética e de sabedoria .....	73
Os profetas .....	87
Resumo e conclusões .....	102
Conclusões com relação a todo o Antigo Testamento e às poses materiais....	103
<b>3. Contexto histórico adicional: intertestamentário</b> .....	107
Desenvolvimentos sociopolíticos .....	107
A literatura dos judeus.....	113
Outros desenvolvimentos ideológicos antes do Novo Testamento .....	124

Informações dos Evangelhos com relação à condição socioeconômica dos personagens principais.....	129
Conclusões .....	134
<b>4. O ensino de Jesus nos Evangelhos Sinóticos.....</b>	<b>135</b>
As parábolas de Jesus.....	136
Os outros ensinamentos de Jesus.....	154
Conclusões .....	175
<b>5. O cristianismo mais antigo .....</b>	<b>177</b>
A Epístola de Tiago .....	178
O livro de Atos.....	193
<b>6. A vida e os ensinamentos de Paulo .....</b>	<b>211</b>
Gálatas .....	212
1 e 2 Tessalonicenses .....	214
1 Coríntios .....	217
2 Coríntios .....	226
Romanos .....	237
As Cartas da Prisão .....	241
As Epístolas Pastorais.....	246
Resumo e conclusões .....	252
<b>7. O restante do Novo Testamento.....</b>	<b>255</b>
Os evangelistas sinóticos .....	256
O restante do Novo Testamento.....	272
Resumo e conclusões .....	286
<b>8. Resumo, conclusões e aplicações.....</b>	<b>287</b>
Resumo .....	287
Conclusões adicionais.....	290
Aplicações .....	294
<i>Bibliografia.....</i>	<i>303</i>
<i>Índice de autores.....</i>	<i>343</i>

## Prefácio à nova edição brasileira

Vinte e cinco anos se passaram desde a publicação da primeira edição em inglês deste livro pela Editora Eerdmans nos Estados Unidos e pela Editora InterVarsity Press (IVP) no Reino Unido (1999). Em 2001, a Editora IVP nos EUA assumiu os direitos da série em que este livro foi lançado — *New Studies in Biblical Theology* [Novos Estudos em Teologia Bíblica], editada por D. A. Carson — de modo que, a partir dessa época, o livro foi distribuído pela IVP nos dois lados do Atlântico. Posteriormente, a obra foi traduzida para o francês (2001), o espanhol (2003), o português (2009), o indonésio (2011) e o italiano (2012), traduções pelas quais sou profundamente grato. Os volumes de uma série, entretanto, quando traduzidos e publicados individualmente, raramente permanecem impressos por tanto tempo quanto a série original. Uma vez que isso se aplica ao meu livro, Edições Vida Nova gentilmente revisou a tradução e reimprimiu a obra. Estou em dívida com Valdemar Kroker por seu excelente trabalho na condução do processo.

Também sou grato pelos elogios que a obra original em inglês recebeu, inclusive por ter sido indicada pela Zondervan em 2018 como um dos 101 melhores livros de teologia bíblica do século 20. Mas, com o relançamento de uma edição não revisada, 25 anos depois do original, também surgem desafios. Embora boa parte da obra seja efetivamente um estudo do ensino bíblico de Gênesis a Apocalipse a respeito das posses materiais, todo o livro, em especial o capítulo final, é intercalado por aplicações contemporâneas. Na introdução, uma enxurrada de estatísticas que eram atuais no final do século 20 preparou



o terreno para este estudo, mas os dados agora parecem muito desatualizados. Sem uma segunda edição completamente revisada, esse problema é praticamente inevitável. Ainda assim, podemos comentar brevemente as semelhanças e diferenças no mundo de hoje (2024) quando comparadas com a realidade há um quarto de século (1999).

Apenas uma década antes (1989), o Muro de Berlim havia caído, seguido um ano somente pela dissolução da União Soviética (1990). O capitalismo parecia à beira do triunfo internacional, embora resistências duradouras se manifestassem, como Cuba e Coreia do Norte. A China era uma economia bastante mista, mas a tendência geral do mundo parecia se afastar lentamente do socialismo, uma tendência que, como se viu, não se concretizou. Ninguém havia imaginado como a Rússia antiocidental se tornaria na atualidade sob Vladimir Putin, assim como ninguém esperava o quão pró-Occidente Boris Yeltsin pelo menos dava a impressão de ser. A revolução no Irã tinha ocorrido havia vinte anos (1979), mas poucos imaginavam o extremo a que o islamismo radical chegaria, com a destruição das Torres Gêmeas na cidade de Nova York pelos terroristas do Estado Islâmico de Osama bin-Laden em 2001, proporcionando um sinal de alerta alarmante. Se a pandemia que eclodiu na China em 2019 passou pela cabeça de alguém, essa conversa foi mantida em segredo nos laboratórios científicos.

Todos esses desenvolvimentos globais tiveram impacto na economia mundial e, portanto, na demografia de ricos e pobres em todo o mundo. De 1980 a 2010, o número de pessoas que viviam abaixo da linha de pobreza internacional estabelecido pelas Nações Unidas caiu de mais de 2 bilhões de pessoas para cerca de 900 milhões. Organizações cristãs e outras ONGs desempenharam um papel significativo para que isso se tornasse realidade, mas o mesmo aconteceu com governos locais e estrangeiros, bem como com o setor empresarial privado. O estabelecimento de microempresas por pessoas pobres ou cooperativas de pessoas menos abastadas muitas vezes abriu as portas para proporcionar o crescimento econômico necessário para aliviar os aspectos mais deletérios da pobreza humana. Ainda assim, 900 milhões, entre mais de 7 bilhões de habitantes globais, não é um número pequeno. Embora a COVID-19 tenha dificultado em muito a coleta de estatísticas e, em algumas partes do mundo quase a impossibilitou, houve praticamente um consenso de que os progressos alcançados no

combate à pobreza começaram a ser revertidos. Uma vez que o pior da pandemia passou, alguma redução da pobreza recomeçou, mas não ao ritmo que ocorria antes e nem em todos os países que anteriormente haviam progredido.

As estimativas que cito na minha introdução de 1999 sobre as mortes anuais de crianças devido a doenças infecciosas evitáveis e o número de pessoas que não têm acesso à água potável não diminuiriam. No denominado mundo desenvolvido, a desigualdade entre ricos e pobres aumenta cada vez mais, embora nunca de forma perfeitamente linear. O Brasil é uma das histórias de relativo êxito no Sul Global, tendo feito progressos notáveis na melhoria do padrão de vida de um número significativo de seus habitantes, e ainda assim muitos indivíduos permanecem muito pobres. O sofrimento em decorrência de “causas naturais” sempre agrava os problemas em qualquer parte do mundo — os desdobramentos de terremotos e vulcões, inundações e tsunamis, fomes e doenças, tornados e ciclones, furacões e tufões, para citar apenas os mais proeminentes. O sofrimento causado pelos humanos por meio de guerras, crises de refugiados, governos corruptos, tráfico de seres humanos, transgressão de outros direitos humanos e afins aumenta o problema, assim como as más escolhas das próprias pessoas com uso de substâncias entorpecentes, assassinato, roubo, estupro, sequestro, abuso conjugal e abuso infantil, e assim por diante. É claro que, mesmo que a pobreza pudesse ser totalmente abolida por somente um dia de cada ano, ela voltaria logo no dia seguinte em decorrência de fatores como esses.

Ao mesmo tempo, fazer tudo o que é possível para abolir a pobreza por um dia ainda assim seria altamente desejável, porque seria um processo muito lento e gradual antes que as coisas regressassem aos níveis de sofrimento que vemos hoje. E se as forças que travaram a guerra contra a pobreza continuassem, mesmo quando o equilíbrio começasse a ser perdido novamente, isso afetaria as pessoas de maneiras muito menos intensas, exceto nos epicentros dos desastres ou do mal pessoal. Independentemente dos debates ainda persistentes sobre as causas das alterações climáticas, qualquer medida tomada para diminuir ou mesmo inverter as tendências atuais conduzirá, na maioria dos casos, a um desenvolvimento humano mais acentuado. As escolhas de onde gastar o dinheiro das pessoas nos países mais ricos do mundo fazem diferença quando constatamos que mesmo um aumento modesto nos

montantes investidos de maneira sensata em doações de caridade pode render grandes dividendos. A família Ronsvalle, citada em nossa introdução original, e sua organização continuam a acompanhar os padrões de doações e gastos dos cristãos. E esses padrões mudaram pouco nos últimos 25 anos. Na verdade, quanto mais jovem a geração, menor a porcentagem dos que normalmente doam. Mas uma vez que os níveis de doações cristãs frequentemente são maiores do que as doações não cristãs e que as gerações dos Millennials e a Geração Z estão abraçando o cristianismo a taxas dramaticamente mais baixas do que as gerações anteriores, mesmo que ganhem dinheiro suficiente para doar mais, haverá notavelmente menos deles para resolver o problema mundial, a menos, é claro, que as tendências comecem a se inverter.

Tudo isso significa que os crentes que têm um rendimento superior ao que é preciso para cobrir as necessidades básicas, e que são implacavelmente honestos sobre o que realmente são necessidades básicas, talvez precisem assumir uma responsabilidade maior do que nunca para ajudar a aliviar as dificuldades econômicas do mundo. A geração dos Millennials e a Geração Z parecem ter recuperado uma ética social robusta que potencialmente poderia promover a aceitação dessa tarefa, mesmo entre aqueles que não são crentes, embora seja improvável que doem para causas especificamente cristãs que possam equilibrar a oferta de ajuda para a qualidade de vida no aqui e agora com a salvação espiritual e a fé em Jesus Cristo, preparando as pessoas para esta vida e a próxima. Quanto mais os cristãos reconhecerem que o Novo Testamento não exige o dízimo, mas requer generosidade e até sacrifício, mais eles acabarão doando muito além dos 10% às causas cristãs, incluindo a ajuda aos pobres.

À medida que a porcentagem da população mundial que é mais desesperadamente pobre diminuiu, quase todos os países mais pobres permanecem na África Subsariana. Muitos deles também estão entre os países que registraram o maior crescimento na adoção do cristianismo. Grande parte desse cristianismo é carismático, e uma boa parte tende para o ramo da teologia da prosperidade (saúde e riqueza). Embora se possa imaginar que haveria refutação suficiente da mensagem do evangelho da prosperidade nas comunidades mais pobres, enquanto os principais líderes continuarem a ser prósperos, e salvo outras alternativas, muitos serão seduzidos por ele como a única esperança para

um futuro econômico mais favorável imaginado por eles. Independentemente de como reagimos a essa situação, isso significa que a porcentagem dos mais pobres do mundo que são irmãos crentes, ou que pelo menos pensa que o são ou afirmam ser, continua a crescer. Isso torna a urgência de uma resposta do restante do mundo cristão muito mais incisiva.

Permitam-me repetir, então, que sou grato por Edições Vida Nova ter percebido a necessidade de manter a mensagem de *Nem pobreza, nem riqueza* disponível para os brasileiros (e outros países de língua portuguesa), assim como o livro continua disponível para leitores da língua inglesa ao redor do mundo. Aqueles que dominam o inglês podem estar interessados em uma atualização parcial desse material em meu livro, *Christians in an age of wealth* [Cristãos em uma era de riquezas], publicado pela Zondervan, em 2013. Uma importante conferência de teólogos e profissionais no St. Mary College [Faculdade St. Mary], Twickenham, na grande Londres, na qual tive participação, produziu uma obra substancial, *Poverty in the early church and today* [Pobreza na igreja primitiva e hoje], publicada pela Bloomsbury T&T Clark, em 2019. Mais recentemente, escrevi dois artigos de perspectivas diferentes (no *Tyndale Bulletin* e no *Presbyterion*, ambos em 2022) comparando Paulo e Tiago quanto à riqueza e pobreza e mostrando que aqui estava um tema que não causou tensão alguma entre esses dois autores do Novo Testamento. Independentemente do que a igreja debateu no primeiro século, incluindo a formulação precisa da mensagem central do Evangelho, ela apoiou solidamente a necessidade de ajuda e de justiça para os pobres e marginalizados.

Para os que lerem apenas esta obra, confio que os principais ensinamentos das Escrituras sobre pobreza e riqueza ainda serão transmitidos claramente, mesmo que as estatísticas possam ser atualizadas. Espero que a minha paixão pessoal pelo tema e meu compromisso em tentar ajudar de alguma forma singular permaneçam evidentes. Quando se trata de questões financeiras em geral, ou de administração e mordomia em particular, nunca tentei incentivar outros a fazer coisas que não fiz (ou que não faria se tivesse a possibilidade). Minhas três visitas ao Brasil de cerca de duas semanas cada em 2019, 2023 e 2024 e as inúmeras oportunidades de proferir palestras que abrangeram essas semanas me fizeram apreciar seu maravilhoso e diversificado corpo de cristãos mais do que jamais imaginei ter a oportunidade de experimentar. Minha oração



é que esta obra de tamanho modesto possa fortalecer e ajudar a amadurecer ainda mais a igreja no mundo de língua portuguesa e desafiar aqueles que não fazem parte da igreja a verem como o cristianismo maduro poderia e deveria ser, especialmente se estiverem desiludidos com o que eles veem atualmente. E em todas as coisas, a Deus seja a glória.

Craig L. Blomberg  
Maio de 2024

## Apresentação

O livro do dr. Blomberg é um feito extraordinário. Com impressionante abrangência, este livro não apenas guia o leitor por quase todos os textos bíblicos que tratam de pobreza e riqueza como ainda entrelaça a exegese em uma teologia bíblica ao mesmo tempo fiel aos textos históricos e pastoralmente sensível às grandes questões que a igreja atual enfrenta. O dr. Blomberg não pode, de forma simplista, condenar a riqueza — como aprendeu com Abraão, Jó e Filemom. Tampouco pode desculpar a ganância — como aprendeu com Amós, Jesus e Tiago. O resultado é, francamente, o melhor livro sobre o assunto. Ele não deixará os leitores confortáveis, mas também não os fará se sentirem manipulados. Leia-o e passe adiante.

D. A. Carson  
Escola Trinity Evangelical Divinity, Deerfield, Illinois

## Prefácio do autor

Ironicamente, este é um livro de ricos para ricos. Não se trata de um comentário sobre o patrimônio líquido do autor ou dos leitores, mas apenas uma observação de que acadêmicos, estudantes de teologia e o público instruído, para os quais se destina um trabalho dessa natureza, formam, de acordo com padrões globais, parte da pequena porcentagem da elite socioeconômica do mundo atual. Como membro desse quadro de acadêmicos, estou muito ciente de como é fácil distorcer a interpretação de dados bíblicos para me consolar de que minha condição econômica e as práticas atuais se encaixam perfeitamente nos ensinamentos das Escrituras a respeito de posses materiais. A fim de combater essa tendência, li uma grande variedade de autores com diferentes perspectivas teológicas, étnicas e econômicas. Tentei ponderar minhas poucas e significativas experiências no trabalho e na interação com pessoas de comunidades acentuadamente pobres tanto de centros urbanos americanos quanto internacionais. Ouvi, com particular cuidado, os comentários de colegas e alunos que representam comunidades marginalizadas em casa e no exterior sobre o manuscrito na forma atual ou prévia.

Uma das dinâmicas significativas de ser pobre é o senso de impotência que, muitas vezes, acompanha a pobreza econômica. Enquanto não posso dizer ter vivido esse tipo de impotência, já tive experiências comparáveis como resultado de diversas aflições físicas. No meio da pesquisa para este volume, contrái uma lesão por esforço repetitivo (LER) que diversos médicos pensaram ser a síndrome do desfiladeiro torácico, apesar de ninguém haver dado um diagnóstico definitivo. Ao ditar este prefácio e preparar-me para o envio do rascunho

final do livro em formato de manuscrito, participei de um regime de fisioterapia, natação, musculação e outros exercícios de alongamento por quase um ano e meio e, pela primeira vez desde o início da LER, pude escrever ou digitar até talvez sete ou oito páginas consecutivamente sem fazer pausa alguma. Durante muitos meses, até mesmo uma página causava-me dor considerável. Tal incapacidade fez com que o término deste livro fosse muito mais desafiador. No entanto, graças a diversos amigos e à tecnologia, foi possível concluí-lo. Mesmo com a melhora da LER, porém, meu joelho direito, que não tem quantidade suficiente de cartilagem desde uma cirurgia a que fui submetido aos 19 anos após sofrer uma lesão, está tornando-se cada vez mais artrítico. Os médicos me dizem que sou velho demais para um transplante de cartilagem e jovem demais para uma cirurgia de reposição de joelho; então, devo depender de exercícios, joelheira, medicamentos e uma vida genericamente sedentária durante algum tempo. Não imagino que o senso de impotência que ambas as lesões me infligiram seja muito diferente da impotência que os pobres sentem muitas vezes. Não obstante, devo admitir francamente, desde o início do livro, que não sou financeiramente pobre e que percebo que, até certo ponto, isso limita minha capacidade de compreender o tópico abordado.

Muitas pessoas merecem minha gratidão de coração pela ajuda na produção deste volume. Em primeiro lugar, agradeço a Jeanette Freitag, que transcreveu as notas ditadas com grande velocidade e precisão. Também devo expressar minha gratidão a Russ Bruxvoort, que leu e revisou diversos trabalhos para mim durante um trimestre de assistência à pesquisa, e a Esther Kissel e Karen Fisher por sua ajuda na digitação da bibliografia. Agradeço ao prof. Elodie Emig, pela verificação assídua das fontes citadas para garantir a precisão nas citações, e aos meus editores, dr. D. A. Carson, da Universidade Trinity International, e dr. Mark Smith, da Intervarsity Press do Reino Unido. Tendo ministrado dois cursos eletivos baseados neste material, também sou grato a duas turmas de alunos pela interação com minhas ideias sobre o assunto, incluindo minha esposa, Fran. Também devo expressar apreciação ao Seminário Denver por me dar um semestre sabático durante a primavera e o verão de 1997, permitindo-me completar a pesquisa para este livro, e às livrarias do Seminário Denver e Tyndale House de Cambridge, na Inglaterra, pela colaboração amigável e eficiente em diversos detalhes deste projeto.

Com a esperança de que tenham me poupado de gafes desnecessárias na abordagem do Antigo Testamento, agradeço aos meus colegas, dr. Daniel Carrol R. e dr. Richard Hess, que leram e comentaram alguns pormenores dos capítulos que tratam da contribuição das Escrituras Hebraicas ao tema das posses materiais.

Todas as citações das Escrituras são retiradas da Nova Versão Internacional. As citações dos Apócrifos foram extraídas da edição de Bruce M. Metzger do Oxford annotated Apocrypha, edição revisada (New York: Oxford, 1977). Para o material pseudepigráfico, usei a edição de James H. Charlesworth, *The Old Testament Pseudepigrapha* (Garden City: Doubleday, 1983-1985), 2 volumes. Para o material de Qumran, citei a edição de Florentino García Martínez, *The Dead Sea Scrolls Translated* (Leiden: Brill, 1994). Para outras fontes gregas e romanas, mencionei as traduções da Biblioteca Clássica Loeb.

Finalmente, gostaria de dedicar este livro à memória de meu avô materno, William Collitz (1900-1984). Quando jovem, ele emigrou da Alemanha para os Estados Unidos e passou seus anos de trabalho como dono de uma mercearia em Muscatine, Iowa. Como tantos cristãos trabalhadores da época (mas talvez com mais sucesso e consistência), ele personificou muitos dos princípios das Escrituras que este livro evidencia com relação a poupanças sábias e investimentos, gastos supérfluos e doações generosas. Como a geração de americanos que viveram a Grande Depressão está morrendo, que suas histórias e legados inspirem as gerações mais novas a imitarem seus modelos de uso sábio e compassivo de bens materiais.

Craig L. Blomberg  
Março de 1998



# Reduções gráficas

<i>ABR</i>	<i>Australian Biblical Review</i>
<i>AJT</i>	<i>Asia Journal of Theology</i>
<i>ASTI</i>	<i>Annual of the Swedish Theological Institute</i>
<i>AUSS</i>	<i>Andrews University Seminary Studies</i>
<i>BA</i>	<i>Biblical Archaeologist</i>
<i>BBR</i>	<i>Bulletin for Biblical Research</i>
<i>Bib</i>	<i>Biblica</i>
<i>BibTod</i>	<i>Bible Today</i>
<i>BJRL</i>	<i>Bulletin of the John Rylands Library</i>
<i>BSac</i>	<i>Bibliotheca Sacra</i>
<i>BTB</i>	<i>Biblical Theology Bulletin</i>
<i>BZ</i>	<i>Biblische Zeitschrift</i>
<i>CBQ</i>	<i>Catholic Biblical Quarterly</i>
<i>CSR</i>	<i>Christian Scholars' Review</i>
<i>CT</i>	<i>Christianity Today</i>
<i>CTM</i>	<i>Currents in Theology and Mission</i>
<i>CTQ</i>	<i>Concordia Theological Quarterly</i>
<i>CTR</i>	<i>Criswell Theological Review</i>
<i>DownRev</i>	<i>Downside Review</i>
<i>EJT</i>	<i>European Journal of Theology</i>
<i>EQ</i>	<i>Evangelical Quarterly</i>
<i>ERT</i>	<i>Evangelical Review of Theology</i>
<i>ET</i>	<i>Expository Times</i>

<i>ETL</i>	<i>Ephemerides Theologicae Lovanienses</i>
<i>ETR</i>	<i>Etudes thèologiques et religieuses</i>
<i>FN</i>	<i>Filología Neotestamentaria</i>
<i>CTJ</i>	<i>Grace Theological Journal</i>
<i>HBT</i>	<i>Horizons in Biblical Theology</i>
<i>HeyJ</i>	<i>Heythrop Journal</i>
<i>HTR</i>	<i>Harvard Theological Review</i>
<i>HUCA</i>	<i>Hebrew Union College Annual</i>
<i>IBMR</i>	<i>International Bulletin of Missionary Research</i>
<i>IBS</i>	<i>Irish Biblical Studies</i>
<i>IEJ</i>	<i>Israel Exploration Journal</i>
<i>Int</i>	<i>Interpretation</i>
<i>IRM</i>	<i>International Review of Mission</i>
<i>ITQ</i>	<i>Irish Theological Quarterly</i>
<i>JAAR</i>	<i>Journal of the American Academy of Religion</i>
<i>JANES</i>	<i>Journal of the Ancient Near Eastern Society</i>
<i>JAOS</i>	<i>Journal of the American Oriental Society</i>
<i>JBL</i>	<i>Journal of Biblical Literature</i>
<i>JETS</i>	<i>Journal of the Evangelical Theological Society</i>
<i>JNES</i>	<i>Journal of the Near East Studies</i>
<i>JQR</i>	<i>Jewish Quarterly Review</i>
<i>JR</i>	<i>Journal of Religion</i>
<i>JRE</i>	<i>Journal of Religious Ethics</i>
<i>JRS</i>	<i>Journal of Roman Studies</i>
<i>JSNT</i>	<i>Journal of the Study of the New Testament</i>
<i>JSOT</i>	<i>Journal of the Study of the Old Testament</i>
<i>JSP</i>	<i>Journal of the Study of the Pseudepigrapha</i>
<i>JTS</i>	<i>Journal of Theological Studies</i>
<i>Neot</i>	<i>Neotestamentica</i>
<i>NESTTR</i>	<i>Near East School of Theology Theological Review</i>
<i>NovT</i>	<i>Novum Testamentum</i>
<i>NTS</i>	<i>New Testament Studies</i>
<i>PRS</i>	<i>Perspectives in Religious Studies</i>
<i>RB</i>	<i>Revue Biblique</i>

<i>RefJ</i>	<i>Reformed Journal</i>
<i>RefTR</i>	<i>Reformed Theological Review</i>
<i>RelStud</i>	<i>Religious Studies</i>
<i>RevExp</i>	<i>Review and Expositor</i>
<i>ScripBull</i>	<i>Scripture Bulletin</i>
<i>SJT</i>	<i>Scottish Journal of Theology</i>
<i>ST</i>	<i>Studia Theologica</i>
<i>SvExÅrs</i>	<i>Svensk Exegetisk Årsbok</i>
<i>SWJT</i>	<i>Southwestern Journal of Theology</i>
<i>TB</i>	<i>Tyndale Bulletin</i>
<i>ThBeitr</i>	<i>Theologische Beiträge</i>
<i>TrinJ</i>	<i>Trinity Journal</i>
<i>TS</i>	<i>Theological Studies</i>
<i>TT</i>	<i>Theology Today</i>
<i>TZ</i>	<i>Theologische Zeitschrift</i>
<i>WTJ</i>	<i>Westminster Theological Journal</i>
<i>ZAW</i>	<i>Zeitschrift für die alttestamentliche Wissenschaft</i>
<i>ZNW</i>	<i>Zeitschrift für die neutestamentliche Wissenschaft</i>

## Considerações iniciais

### Uma amostra das estatísticas

**P**elo menos um bilhão das mais de cinco bilhões de pessoas do mundo está hoje abaixo de qualquer linha de pobreza razoável. Dentro de alguns anos, é estimado que a porcentagem ultrapasse 25% da população global. Conquanto a indigência, a falsa religião e a corrupção certamente são responsáveis por parte disso, muitos dos pobres são vítimas de desastres naturais, fome ou seca. Muitas vezes, agricultores do exterior não conseguem obter uma renda adequada com os campos pequenos e pouco férteis. Muitos moradores de cidades estão eternamente desempregados em lugares em que não há oferta de empregos ou têm uma subocupação que não paga um salário compatível (veja mais detalhes em *THE OXFORD III CONFERENCE*, 1995: 13-4). Além de sofrer com a completa falta de renda, os pobres costumam receber pouca educação ou são afligidos por doenças físicas, opressão política e/ou perseguição religiosa. A maioria dos empobrecidos do mundo vive em áreas rurais ou vilas, particularmente na chamada “Janela 10/40” (i.e., latitude 10°N - 40°N). Inúmeros outros deixam o campo para ir às florescentes megalópoles do Mundo dos Dois Terços com a esperança de uma vida melhor, mas são poucos os que a encontram. Em vez disso, grandes favelas envolvem a periferia da maioria das grandes cidades na Ásia, África e América Latina. O terrorismo e a guerra civil causam ainda mais miséria, levando a vinte milhões de refugiados fora de seus países de origem e outros 24 milhões de pessoas deslocadas da própria nação (Nicholls, 1996: 2-5).

Dois milhões de crianças morrem todos os anos de doenças infecciosas de fácil prevenção. O número de pessoas sem acesso à água potável segura é estimado em 1,3 bilhão.<sup>1</sup> Nações pobres acumulam grandes dívidas que não podem pagar, enquanto déficits de negociação garantem que continuem a exportar riquezas e recursos naturais de que dispõem para beneficiar nações ricas — ainda que seu povo esteja empobrecendo. Crianças inocentes sempre sofrem mais. Em 1994, foi calculado que a riqueza dos 387 bilionários do mundo equivale à renda combinada dos 45% de mais baixa renda de toda a população mundial ou cerca de 2,5 bilhões de pessoas (Marty, 1995: 2). No entanto, há mais de uma década, quase duzentos milhões dos mais pobres do planeta professavam uma forma de cristianismo (D. Barret, 1982: 5). E, à medida que tomam conhecimento de nosso modo de vida pela televisão e pelos turistas, muitas vezes se perguntam por que o Ocidente parece preocupar-se tão pouco com a situação deles.

As grandes cidades do mundo ocidental apresentam diversos paralelos, apesar de os níveis de sofrimento não serem tão extremos. Todavia, a diferença entre o rico e o pobre nos Estados Unidos e no Reino Unido está crescendo de forma constante nos últimos 25 anos independentemente dos partidos políticos vigentes ou das políticas que eles defendem (R. Sider, 1984: 143-4).<sup>2</sup> Durante muitos anos, a taxa de mortalidade infantil nos Estados Unidos tem sido a mais alta de todas as chamadas nações “desenvolvidas” do mundo (Ronsvalle; Ronsvalle, 1990: 160). Cada vez mais essa disparidade segue linhas raciais, com percentuais de negros, hispânicos e americanos nativos pobres muito maiores do que de brancos e asiáticos (cf. R. Sider, 1984). Tentativas de programas de “ação positiva” para criar oportunidades iguais de emprego entre as minorias têm apenas um sucesso mínimo. Mas os exemplos publicados e politizados de “discriminação reversa” estão alienando a maioria dos americanos de forma que essas leis sejam rescindidas — uma situação que provavelmente exacerbará a

---

<sup>1</sup>Para estas e outras estatísticas relacionadas a uma visão geral sistemática da pesquisa de pobreza global, consulte Øyen; Miller; Samad (1996).

<sup>2</sup>Para informações atuais sobre os cenários americano e da Europa Ocidental de forma mais ampla, consulte G. Riches (1996). Conforme Geiger (1995:19-20): “Países desenvolvidos mais zelosos na busca por uma economia de mercado livre, como os Estados Unidos e a Inglaterra, estão experimentando uma crescente desigualdade de renda e pobreza”.



disparidade entre o “ter” e o “não ter”. Assim, também, certa mentalidade conservadora com relação a estrangeiros ilegais ou imigrantes tem provocado o cancelamento de benefícios públicos que essas pessoas poderiam receber, com crianças inocentes mais uma vez sendo as vítimas mais trágicas. E a nação como um todo sofre de certa amnésia coletiva, esquecendo o fato de que uma enorme porcentagem dos americanos atuais é descendente de pessoas que, da perspectiva nativa americana, já foram imigrantes ilegais.

Tanto nos Estados Unidos quanto na Europa Ocidental, três impasses econômicos sugerem a falha de todas as grandes propostas sociais e políticas ou sistemas até o momento. Primeiro, a pobreza está crescendo, os níveis de renda média estão caindo, e a desigualdade social, aumentando, gerando dívidas pessoais e nacionais crescentes — tudo isso apesar do significativo aumento da produção *per capita*. Segundo, a despeito dos esforços de vários grupos ambientalistas, incluindo alguns que ganham notoriedade por causa de seus protestos particulares ou conexões com questões ecológicas como “adoração da terra”, todos os seguintes problemas pioraram: diminuição da camada de ozônio, aquecimento global, chuva ácida, perda da biodiversidade e terra cultivável, quantidade de lixo tóxico químico, desmatamento, poluição do mar, diminuição das fontes de energia disponíveis e deterioração geral da saúde humana. Terceiro impasse, independentemente dos grandes sistemas políticos e apesar das reversões locais temporárias, o número de pessoas desempregadas, sobretudo na Europa, continua a crescer.<sup>3</sup>

Dadas tais tendências alarmantes e desencorajadoras, é impressionante observar com o que os ocidentais gastam dinheiro. Uma pesquisa sobre gastos realizada no fim da década de 1980 e início da década de 90 mostrou que, anualmente, os americanos gastaram o dobro com buquês de flores do que com missões internacionais, o dobro em meias-calças femininas, uma vez e meia em *videogame* e uma vez e meia em máquinas de fliperama, um pouco mais na indústria de jardinagem, cerca de cinco vezes mais com animais de estimação, uma vez e meia mais em cuidados com a pele, quase uma vez e meia mais em goma de mascar, quase três vezes mais em piscinas e acessórios, aproximadamente sete vezes mais em doces, dezessete vezes mais em dietas

---

<sup>3</sup>Para detalhes sobre esses três temas, consulte Goudzwaard; de Lange (1995: 6-36).

e produtos para dieta, vinte vezes mais em atividades esportivas, aproximadamente 26 vezes mais em refrigerantes e impressionantes 140 vezes mais em atividades legalizadas de aposta (Ronsvalle; Ronsvalle, 1992: 53-4).<sup>4</sup> E, em 1995, os gastos mundiais com propaganda, realizada para nos convencer de que todos esses e outros itens são necessidades, chegaram a 385 bilhões de dólares (R. Sider, 1984: 21). Quanto à construção de igrejas, entre 1984 e 1989, as igrejas americanas cristãs gastaram cerca de 15 bilhões de dólares (R. Sider, 1984: 89). Suter (1989: 649) escreve de forma pontual: “Em sua forma mais dramática e obscena, a questão é se o trabalho e os recursos das nações do Terceiro Mundo devem contribuir mais para a opulência dos gatos e cachorros da América do que para a boa saúde elementar dos seres humanos do Terceiro Mundo”.

Enquanto isso, a quantidade de doações americanas destinada a organizações de caridade de todos os tipos permanece relativamente constante entre 1,6% a 2,16% da renda familiar (Stafford, 1997: 21-2). Os cristãos americanos fazem pouco mais, com média de 2,4% da renda *per capita* nacional (R. Sider, 1997: 205). E consistentemente, americanos com renda mais baixa doam mais a organizações religiosas do que os com renda mais alta (Ronsvalle; Ronsvalle, 1990: 154). Também existem disparidades notáveis de geração. Nos Estados Unidos, os idosos formam hoje uma faixa etária que doa de forma mais generosa a causas cristãs explícitas. Os chamados *baby boomers*<sup>5</sup> contraem tantas dívidas que possuem menos renda disponível, apesar de tal renda geral ser maior. E a chamada geração X ou *baby buster*<sup>6</sup> está

---

<sup>4</sup>Os Ronsvalles apresentam os dados líquidos. Visto que algumas dessas estatísticas estão um pouco ultrapassadas, eu as converti em porcentagens, menos prováveis de sofrer mudanças tão grandes. As apostas legalizadas, na realidade, cresceram dramaticamente tanto nos Estados Unidos quanto no Reino Unido. Para obter uma comparação gráfica das posses materiais de uma família representante de cada um dos trinta diferentes países de todos os continentes e para diversas estatísticas sobre riqueza e pobreza, consulte Menzel (1994).

<sup>5</sup>Nascidos entre 1945 e 1964, são pessoas cujos pais estabeleceram família após a Segunda Guerra Mundial, quando a economia se estabilizou. Fazem parte da geração Woodstock (adolescentes nos anos 1960 e 70), que criou uma revolução em termos de estilo, política e atitudes de consumo. (N. da P.)

<sup>6</sup>Nascidos entre 1965 e 1980, são também chamados de geração X. Conhecida como a geração que quer se acomodar, ela economiza parte da renda; o lar é uma expressão de individualidade, e não um sucesso material. (N. da P.)

percebendo cada vez mais que, em média, não pode esperar replicar a riqueza ou o estilo de vida dos pais, apesar de o fato não os impedir de tentar. Assim, os níveis de dívida pessoal crescem ainda mais (nos três grupos, cf. Sine, 1991: 143-64). Na maioria das comunidades ocidentais afluentes ou suburbanas, é impossível detectar diferenças explícitas entre os gastos de cristãos declarados e os religiosamente não afiliados que os cercam nos bairros. Suter (1989: 645-8) sugere que o epigrama de John Wesley (“Ganhe tudo o que puder, guarde tudo o que puder, dê tudo o que puder”)<sup>7</sup> está sendo substituído por: “O dinheiro resolverá todos os seus problemas”, “Siga a multidão e ganhe dinheiro” e “Gaste tudo o que puder”. Quanto a governos, os Estados Unidos estão entre os dezoito grandes doadores ocidentais de ajuda estrangeira em porcentagem ANP, enquanto o Reino Unido vem em 12º lugar (R. Sider, 1997: 31).

Muitas dessas tendências estão presentes, mas não são tão fortes na Europa Ocidental.<sup>8</sup> Entretanto, o percentual de frequentadores de igrejas e cristãos evangélicos é notavelmente menor do que nos Estados Unidos. Uma pesquisa recente sobre “o evangelho, os pobres e as igrejas” realizada na Inglaterra demonstrou que poucos dos pesquisados articularam uma resposta distintamente *cristã* para a pobreza do mundo, e que o espectro de sugestões para as causas da pobreza foi representado em cada grupo socioeconômico e denominação religiosa. O que influenciou a diferença de atitudes veio da percepção pessoal da missão da igreja e da experiência pessoal, quando existente, com a pobreza. As passagens bíblicas mais citadas foram Marcos 14.7 e Mateus 25.31-46, geralmente interpretadas de forma incorreta (Rowland, 1995).

## Resposta cristã

Qual deve ser a genuína resposta cristã a todas essas tendências? Historicamente, os cristãos se distinguem bastante de suas culturas por promover a preocupação com os pobres no mundo de um modo que outras religiões e ideologias

<sup>7</sup>Isto é, de forma legal e inteligente.

<sup>8</sup>Para citar apenas um exemplo, na Europa Ocidental, desde a década de 1940, “Doenças nutricionais não são contraídas devido à deficiência, mas ao excesso” de ingestão de comida, consumo de açúcar e gordura animal (Grigg 1993: 256).